

ENTREVISTA // JOSÉ SARNEY

Senador vê falhas no combate ao desemprego e à violência, mas as atribui ao curto período de governo

RAQUEL ULHÔA

DA EQUIPE DO CORREIO

O presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), ainda aposta na reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2006, apesar de reconhecer que

o governo não teve, até agora, sucesso em dois setores: segurança pública e emprego. Aliado estratégico de Lula desde a campanha eleitoral de 2002, Sarney acha que está havendo exagero nas cobranças e críticas, porque um ano e meio de gestão é pouco tempo para resolver problemas "seculares".

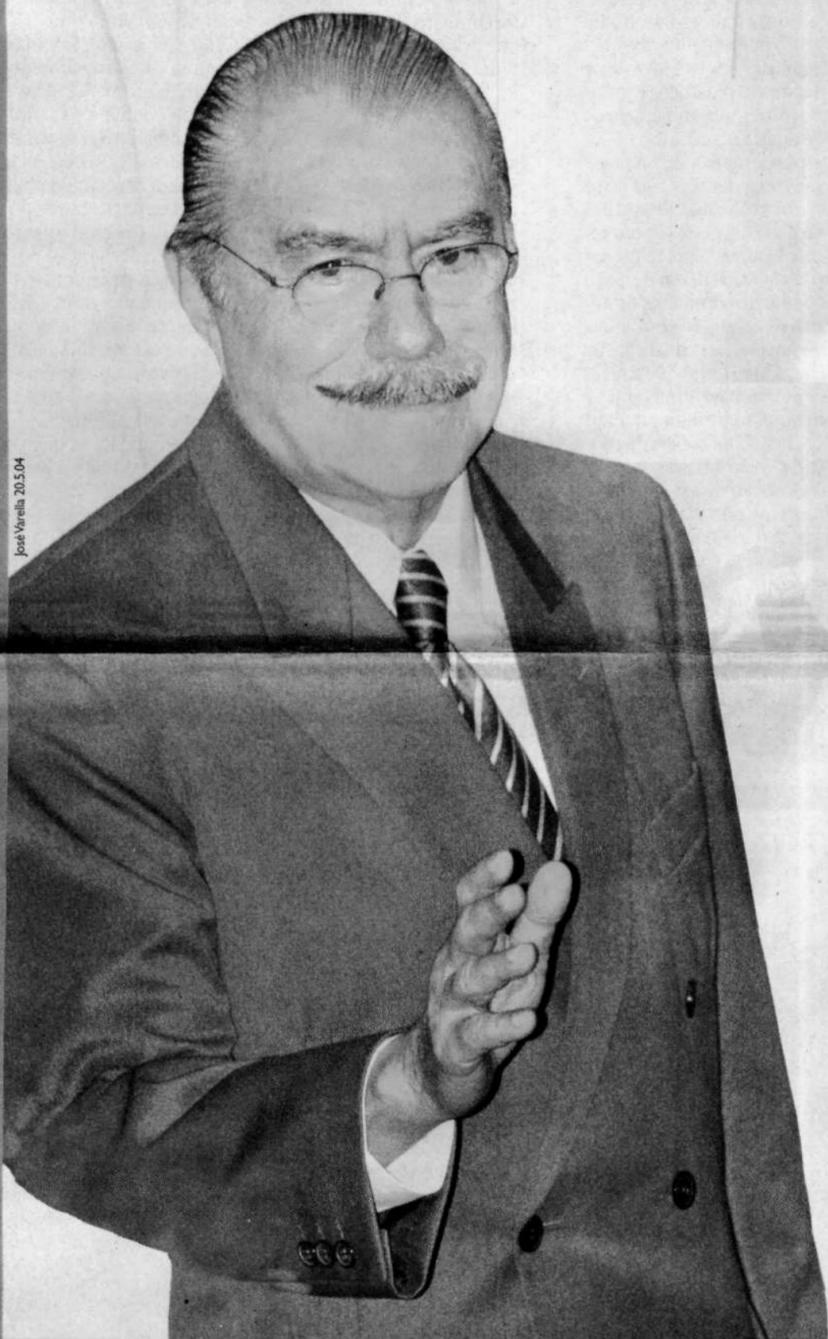
Com 74 anos de idade, o ex-presidente da República (1985-90) revelou recentemente a intenção de abandonar a vida parlamentar depois de 2007 — quando termina seu quarto mandato como senador — mas poucos acreditam. Nesta entrevista ao Correio, ele diz que está

"amadurecendo" essa idéia e que seria uma "honra" presidir a Academia Brasileira de Letras (ABL), para a qual foi eleito em 1980. Neste mês, ele lançará na Hungria seu romance Saraminda, já publicado em 12 idiomas.

Sarney minimiza a possibilidade

de continuar no cargo de presidente do Senado por mais dois anos, a partir de fevereiro de 2005, ainda que seja aprovada a proposta de emenda constitucional que permitiria a reeleição dos dirigentes das duas casas do Congresso. Mas prefere não falar em nomes para sucedê-lo.

“Estão cobrando demais”



José Sarney, 20.5.04

CORREIO BRAZILIENSE — O senhor vai disputar a presidência do Senado, caso o Congresso aprove a emenda que permite a reeleição?

JOSÉ SARNEY — Esse é um assunto inteiramente superado. Não acho nem que vai passar a emenda. Mas, da minha parte, é assunto totalmente ultrapassado.

CORREIO — Caso a possibilidade de reeleição seja realmente descartada, o senhor apoiaria a candidatura do líder do PMDB, Renan Calheiros?

SARNEY — Não posso antecipar minha sucessão. Não é hora de discutir essas hipóteses.

CORREIO — Qual avaliação o senhor faz desse ano e meio do governo?

SARNEY — O governo teve muitos acertos, mas, evidentemente, não pode acertar em tudo. No que se refere à economia, estamos vendo o processo de recuperação se iniciando. O desenvolvimento está sendo retomado. Quanto ao problema dos juros, eles continuam sendo altos, mas acredito nas metas que estão propostas e que no próximo ano eles possam chegar até 11%, que é uma taxa bem razoável. A política de juros está sendo feita corretamente. Já baixou de quase 30% para 16%. E agora, se chegar a 11%, tirando a inflação, é um juro de 6%, um juro de país desenvolvido. É um juro absolutamente compatível com a economia. O governo está caminhando no terreno certo.

CORREIO — Em que o governo deixou de acertar?

SARNEY — No problema do desemprego e da segurança. São os problemas mais sérios que estamos tendo e não vejo uma solução rápida para isso. O problema do desemprego é complexo, tem um aspecto estrutural. Buscando produtividade, as próprias empresas dispensam mão-de-obra. Outro problema conjuntural é o período de não crescimento. A economia fica estagnada, não há demanda por emprego. Nesse aspecto o governo não teve grande sucesso. Como também no problema de segurança. Acho que é o problema mais grave que temos.

CORREIO — Desde a promulgação da Constituição de 1988, sucessivos governos atribuem mais aos estados do que à União a responsabilidade de combater o problema da insegurança. A responsabilidade é mesmo dos estados?

SARNEY — É de todos. É um

problema que se interliga com a economia baixa, com a pobreza. A repressão é responsabilidade dos estados, mas as causas da insegurança são muito mais complexas: baixas condições econômicas, pobreza, desemprego, o país sem gerar áreas de expansão para que os jovens possam ingressar no mercado de trabalho... E o problema das drogas também que influencia muito nessa questão de segurança.

CORREIO — O que o senhor está dizendo é que o governo não está cumprindo as principais metas que fixou, exatamente na área social?

SARNEY — Mas isso não se pode resolver de um dia para o outro. Um ano e meio é uma gota d'água no meio dos problemas todos, que são seculares. Ele está procurando dar passos nesse sentido e há resultados positivos. Você vê a inclusão de quatro milhões de brasileiros no programa da bolsa família, que de certo modo é um programa de renda mínima ampliado. São ações que estão sendo desenvolvidas. A máquina está em movimento. Nesse sentido, ela começa a mover-se.

CORREIO — Mas as pesquisas informam que não é essa a avaliação da população.

SARNEY — Acho que o governo tem tido dificuldades, mas essas dificuldades são compreensíveis. Todo governo tem momentos de dificuldades, principalmente no primeiro ano, que é um ano de acomodação, de experiência. Eu acho que estão cobrando demais.

CORREIO — Mas por que é que as críticas vêm também de aliados, inclusive de petistas, que se dizem decepcionados?

SARNEY — O Lula é um homem que tem um grande carisma, tem uma grande missão histórica. E não podemos perder essa oportunidade de renovação que o Brasil teve com a eleição do Lula, de criar uma nova etapa da vida brasileira, de abrir uma nova página, de concluir o ciclo republicano. É fascinante esse projeto político. E, portanto, não sou daqueles que estão jogando no fracasso do governo. Pelo contrário, estou otimista. O presidente Lula conseguiu estabelecer um clima de empatia com o povo brasileiro, com a massa. As pesquisas, embora mostrem níveis decrescentes de confiança e de popularidade, também mostram que há uma base muito sólida se fizermos comparação com outros governos no mesmo período.

CORREIO — O senhor ainda considera certa a reeleição de Lula em 2006?

SARNEY — Continuo pensando da mesma maneira. Não vejo na mesma liderança que possa se contrastar com a liderança do presidente Lula. Eu acredito que o presidente Lula vai terminar fazendo um bom governo e vai ser reeleito.

CORREIO — Uma das maiores críticas da oposição diz respeito ao relacionamento do governo com o Congresso. O senhor não acha que há problemas nessa área?

SARNEY — Acho que é um dos governos, talvez seja o primeiro, que não tem culpado o Congresso pelos problemas, não tem essa dialética da teoria conspiratória do Congresso.

CORREIO — Dá para prever o desempenho do PT nas eleições municipais?

SARNEY — Nada vai acontecer de extraordinário nas eleições. Os partidos vão se manter mais ou menos com os mesmos espaços que têm hoje. Ninguém espere grandes surpresas eleitorais de avanços nem de recuos. Estamos num caso de estabilidade. Nenhum partido vai crescer muito. A taxa de oscilação não será nada significativa. Até porque não tem nenhum fato novo que possa determinar algumas coisas dessa maneira. Diferentemente do que ocorreu na Espanha, aqui não vai explodir nenhum trem na véspera da eleição.

CORREIO — O senhor disse há poucos dias que pouco dias para outro mandato parlamentar, mas muitos duvidam disso. Essa é uma decisão já tomada?

SARNEY — Tenho recebido telegramas do Maranhão, do Amapá e de São Paulo, com protestos pelo que eu disse. São amigos que ficaram preocupados achando que eu estava numa crise de tristeza. Mas não estou. Essa é uma idéia que estou amadurecendo e não é de hoje.

CORREIO — E o senhor faria o quê? Se dedicaria apenas à literatura?

SARNEY — A política só tem uma porta, a da entrada. Ela não tem porta da saída. Eu continuarei sendo político, mas sem mandato. Presidir a Academia Brasileira de Letras seria uma grande honra. Minha mãe (dona Kyola) deixou-me uma carta em que diz ter sido o maior orgulho da vida dela ter um filho na ABL. Afinal, já sou o terceiro acadêmico mais antigo da casa. Mas a ABL está muito bem presidida.

“ EU ACREDITO QUE O PRESIDENTE LULA VAI TERMINAR FAZENDO UM BOM GOVERNO E VAI SER REELEITO ”